

CENTRAL DO BRASIL - UMA TENTATIVA DE LEITURA DA CONTINGÊNCIA HUMANA COMO ESSÊNCIA DA RELIGIÃO

Ricardo Salgado Gonçalves

Mestrando em Ciências da Religião PUC-SP

Resumo: O existir humano parece ser uma grande viagem em busca de algo que se perdeu, dentro de uma cosmovisão de que este mundo por princípio é estranho. Em Central do Brasil, filme de Walter Salles, Dora e Josué estão viajando, à procura de algo perdido, da origem, do Pai. E esta busca se dá no processo humano da contingência, vivido como insuficiência, e revelador do estado de imanência, como estado de homogeneidade, de terror, que nada faz sentido, pois tudo parece o mesmo. Mas é na experiência religiosa que o mundo adquire sentido, que está para além do imanente, a experiência que muda o dado ontológico das coisas. Em Central do Brasil esta experiência é vivida de maneira universal.

Palavras-chave: contingência; insuficiência; religião; experiência religiosa; convenção e sagrado.

Abstract: The existence of human beings seems to be a big trip towards something that is missing, with the sense that the world is strange. In Central Station, Walter Sales film, Dora and Josué are traveling, searching for something lost: the genesis, the father. This search takes place in the process of human contingency, lived as human insufficiency, showing the homogeneity, the horror, the nonsense, because everything seems to be the same thing, but it is in the religious experience that the world makes sense, that it is beyond the immanent. It is that experience that changes the ontological side of things. In Central Station this experience is lived universally.

Keywords: contingency; insufficiency; religion; religious experience; convention and sacred.

Introdução

Este artigo é fruto de um processo reflexivo, a partir do filme *Central do Brasil*, de Walter Sales, Tomamos como instrumento de leitura autores como Eliade, Furter, Bouker e Pondé. A insuficiência humana como possibilidade da essência da religião, questão universal desencadeada em *Central do Brasil*, é o foco da problemática aqui abordada.

O existir humano como experiência da insuficiência

Uma das grandes preocupações dos teóricos é buscar em sua área de conhecimento uma base sólida, para que daí consiga construir e solucionar as questões que lhes são evidentes, que lhes saltam aos olhos e lhes chamam a atenção pela sua universalidade. Ao assistir *Central do Brasil* percebemos em sua temática arrebatadora algo próximo da questão anteriormente colocada: a busca do pai, a busca da origem, da gênese.

Josué, menino de nove anos, analfabeto, diante do fato imediato da morte da mãe, só, na *Central do Brasil* (estação ferroviária do Rio de Janeiro) descobre que o seu único contato com o mundo que o cerca é Dora, uma “escrevedora de cartas”; antes de sua mãe morrer Josué a paga para que escreva uma carta a seu pai, que tanto quer conhecer. Josué encara Dora, mandando que esta lhe escreva uma outra carta ao seu pai, dando conta dos fatos que está vivendo. Sem pagamento Dora se recusa, e Josué perambula pela *Central do Brasil* como uma criança de rua.

A grande questão que se coloca é a impossibilidade de Josué chegar ao pai, uma origem perdida, mas cantada em devaneios pela mãe, atormentada pelo amor a um homem que lhe fez sofrer tanto. Pode estar aí a problemática central do filme: religar, ligar de novo algo que parece estar perdido, buscar a gênese; isso nos faz ver que na literatura mítica religiões apresentam uma experiência inicial de queda, perde-se um estado paradisíaco inicial, de coisas, e passa-se a vida toda tentando buscá-lo ou construí-lo de maneira mais próxima ao que deveria ser. A realidade imediata surge como homogênea, sem sentido, negadora, chega a nos agredir diante daquilo que de fato queremos, e a imaginação, (Furter, 1974, p. 81) como tomada de consciência desta

carência, desta perda, da possibilidade de um possível, surge como negadora deste real opressor e constitui o princípio do processo para algo que poderia ser, Este parece ser o papel da religião (Bowker, 1997, p. 6): ligar' devolver a origem, estabelecer "concretudes", universais concretos de fé, para que possamos " apalpar" o paraíso perdido, e termos a esperança de sua possibilidade imediata, de vivê-lo aqui, já!

Em Central do Brasil este papel é feito por Dora; ela representa a religião, é o elemento que vai ligar Josué ao pai, à origem. Dora encarna a contradição inerente à religião. No primeiro contato com Josué, ela o vê como presa fácil e o atrai para a sua casa, para a sua convivência, para depois vendê-lo como uma mercadoria, ela o vê como coisa, tratando-o com violência. Ela é a própria segura do sertão no mundo urbano.

A hipótese colocada no filme é que Dora o estava mandando para um lugar melhor do que estar com o próprio pai - seria adotado por uma família de estrangeiros, mas é alertada por sua amiga Irene — estava crescendo demais para tal (seus órgãos seriam vendidos). Resolve voltar atrás e retomar Josué da mão dos traficantes de crianças, não se sabe direito por que motivo. Dora atinge seu objetivo e parte com Josué em direção à estação rodoviária. Começa para Dora a busca do pai, essa busca em que Josué já estava engajado.

Na estação rodoviária Josué insiste em ir só, pois vê em Dora a enganadora, que visa simplesmente a si mesma, mas não entende por que ela vai com ele. Assim, começam a viagem... No dia seguinte, ao ver a estrada, Josué começa a revelar sua maneira de ver o mundo ao perguntar qual é a distância:

- Falta muito para chegar?

E Dora responde: — Olhe as placas. Mas o que é um quilômetro?

- São mil metros.

- Mas como eles sabem o que é um metro?

- Eles inventam.

Josué faz a experiência humana da orfandade; estamos sem Pai, o ser humano está desconectado do pai, da origem, e vive em um regime de convenção — "o órfão produz convenção, é a sua forma de produzir a verdade, pois está desconectado do real ontológico, do Ser. – O metro organiza a sociedade, por convenção, mas não existe

na natureza"¹. Vive na convenção porque é órfão, na contingência, e a vive como insuficiência, o registro verdadeiro deste aspecto. Josué não pensa o tempo como distância em quilômetros ou em horas, pura convenção, mas como algo que se interpõe entre ele e seu pai, pois não sabe onde está, mas sabe onde quer chegar; o tempo é mítico, é sobrenatural.

Durante todo o filme se prepara para encontrar, ver o pai compra uma camisa nova para que o pai não o veja como um mendigo, penteia-se ao aproximar-se da casa onde o pai deve morar. É um preparar-se, um ritual, para que se encontre da maneira em que quer que o pai o veja, e o imagina para além da realidade possível, a todo momento Dora diz a Josué que o pai é um cachaceiro, um alcoólatra, fato recusado permanentemente por ele. Neste desenrolar dos fatos elimina a hipótese daqueles que tentam dizer onde está e o que vai acontecer depois... aqueles que dizem que adivinham o que não é possível adivinhar.

Dora é um personagem contraditório; ao identificá-la com a religião usamos duplo sentido: religião como instituição histórica, hierárquica, situada, construída pelo ser humano, e religião como experiência religiosa, de busca de sentido, que experimenta o sagrado no imanente, mudando sua estrutura ontológica.

Dora e Josué estão em viagem, como todos nós, na busca do Pai. O nome do pai no filme é Jesus, e sua profissão é carpinteiro, segundo Josué: "meu pai sabe fazer tudo de madeira — casa, mesa, armário, cadeira, pião... tudo, tudo sozinho". E repete isso incansavelmente. O mais incrível, o pai mora em Bom Jesus do Norte. Jesus é bom, o Bom Jesus e é ao mesmo tempo o Norte, o rumo que deve ser tomado, o caminho a ser seguido, o rumo da vida. O pai faz tudo sozinho, é o pai, é o criador que resolve tudo, que sabe tudo, e estar com Ele é conquistar na sua gratuidade todas as coisas, enfim, ser feliz permanentemente.

E a viagem continua, Dora no meio do caminho tenta se livrar de Josué deixando-o no ônibus com um pouco de dinheiro em sua mochila. Problema resolvido, pensa Dora, "me livre desta" compra uma passagem de volta para o Rio de Janeiro e para o seu espanto

1 Luís Filipe PONDÉ, Núcleo Fundamentos das Ciências da Religião, Tema do Semestre: História e Hermenêutica das Religiões de Mircea Eliade. PUC-SP, 1/99.

Josué também desceu do ônibus que parte. Os dois perderam o ônibus e Josué esqueceu sua mochila com dinheiro dentro do ônibus — e lá estão os dois: com fome, sono e no meio do nada. Buscando alguém que apenas Josué sabe que existe e o espera. Dora se enfurece e busca ajuda - conseguem uma carona em um caminhão. Neste momento, começa a surgir uma nova Dora, que mostra mais a si mesma, e busca no motorista a possibilidade de um amor perdido, nunca alcançado, chega a usar “batom” - ver-se nos olhos do outro com o seu próprio olhar, muda de aparência, deseja existir, imprimir sentido. Josué, quando percebe esta mudança, responde com ciúmes. O motorista, evangélico, que por princípio quer ser praticante, vê-se envolvido em uma trama e vai embora escondido. Dora chora! Chora por quê? Chora por quem? Estas questões serão respondidas ao final da viagem, proposta pelo filme.

Finalmente chegam a Bom Jesus do Norte, o pai está próximo. Será? Param na feira, onde a consciência mítica de Josué se revela novamente: é necessário se preparar para ver o pai, não quer parecer um mendigo. Depois da constatação e solução deste fato, partem em busca da casa do pai que deve estar lá.

Caminham até o lugar do endereço, Josué ao ver a casa corre, mas o pai tão procurado já havia constituído uma outra família, havia uma outra mãe e o pior, outros filhos e o pai Jesus não estava presente. A espera quase mata Josué, mas o pai chega e não é o de Josué. Não é Jesus. Cabisbaixo sai da casa, como se saísse do útero materno e fosse em direção ao mundo da contingência, abandonado por um pai biológico que o gera, mas que não precisa dele; a meu ver este estado é o básico da existência humana: só, abandonado pelo criador, órfão, vivendo o terror da insuficiência, como um ser contingente, em um mundo que não faz sentido, não tem sentido, tudo é igual, homogêneo.

Ao procurar o pai, o que Josué procura? Josué quer encontrar sua origem, sair do estado de permanência do cotidiano, como insuficiência, como se estivesse preso a uma realidade que não é sua. Vive o estranhamento do mundo de maneira permanente. Desta forma muda o estatuto ontológico do pai biológico, ele não é simplesmente um pai, ele é o Pai. E esta experiência de mudança do estatuto ontológico de qualquer Objeto, preso ao mundo contingente é o determinante da experiência religiosa, isto é, uma pedra, uma árvore, um lugar... apresentam-se diante desta experiência não mais como algo

homogêneo, comum, mas como centro do mundo (Eliade, 1996, p. 26), e revelador de sentido, dando condição ao homem de agir nele. Para o homem religioso, que passou pela experiência religiosa (Eliade, 1996, p. 30-31), o mundo está carregado de sentido, ele é heterogêneo, numa relação entre o sagrado, carregado de sentido, e o profano, homogêneo; é desta forma que Josué vê o pai, o centro do mundo, aquele que dá sentido.

A vida humana pode ser uma experiência de busca de sentido, uma viagem, e é bem isso que Dora e Josué estão fazendo, buscam o centro do mundo.

Ao retornarem a Bom Jesus do Norte, depois da frustrada ida à antiga residência do pai, Dora e Josué, no entardecer daquele dia, deparam-se com ausência total de dinheiro e com a presença da fome, experiências que os remetem de imediato à insuficiência, à realidade homogênea do cotidiano, do mundo sem sentido. Mas Bom Jesus do Norte é o centro do mundo para centenas de romeiros que o cercam — eles encontram Jesus, conversam com Ele, agradecem, pedem, suplicam... Jesus está ali, é o Pai que dialoga com seus filhos dando-lhe sentido para a vida. Josué e Dora não percebem, não vêem, pois seus olhares buscam outra realidade, não visível àquela experiência. Josué corre entre os romeiros, depois de ouvir de Dora a condição em que se encontravam, foge de Dora, mas ela o segue, gritando o seu nome enquanto os romeiros impassíveis a tal fato continuam a dialogar com Jesus, o Bom Jesus. Dora segue Josué até a casa dos milagres e lá entorpecida, desmaia e cai.

Dora acorda no dia seguinte no colo de Josué, a cena do filme é reveladora: Josué a sustenta com o corpo, é ele, agora, que a ampara, que a protege, provocando um novo olhar entre ambos» que começam a se ver como parceiros, como cúmplices de uma mesma busca. Mas continuam sem dinheiro e com fome. O que fazer? Josué percebe o real que o cerca e faz Dora voltar a seu antigo ganha-pão: “escrevedora de cartas”. Gostaria de fazer um pequeno parêntese aqui. — O que significa para o analfabeto “aquele que escreve”? Que poder tem a palavra escrita? O analfabeto é um desdobramento da condição de orfandade, está na escuridão que a palavra escrita lhe impõe, sofre de cegueira, é um aleijado do sistema de convenção, exposto acima. E neste contexto, Dora faz o papel de organizadora da experiência religiosa: escreve para o Santo, manda a mensagem para o Divino, remete as dores, as amarguras, sofrimentos e agradecimentos

do cotidiano ao sagrado. É ela que faz o papel de ligação do profano ao sagrado, das trevas à luz, do contingente ao necessário. Volta a assumir e de maneira mais explícita o papel da religião, de ligar o humano à sua origem, sua gênese. E nesta cena do filme você toma consciência da cosmovisão dos romeiros, de sua situação de total abandono por qualquer órgão público, mas que é vivida e suportada pela presença do Divino, marcada profundamente pela experiência religiosa.

Para Dora, como “escrevedora de cartas”, os seus problemas imediatos de sobrevivência são resolvidos. Mas ocorre uma mudança no processo de construção do seu “ganha-pão”: ela cobrava para escrever as cartas e para mandá-las, mas nunca as enviava, artimanha descoberta por Josué, quando hospedado por ela. Em Bom Jesus do Norte não ocorre o mesmo, num gesto de “mudança” Dora decide postar as cartas e de fato o faz. Cumpre na totalidade o seu papel: faz com que as pessoas consigam dizer como se vêem no mundo, e que mundo é este em que se situam, e ao mesmo tempo coloca estas pessoas em contato com o Sagrado, remetendo-as à sua origem, ultrapassando o espaço profano, espaço sem sentido, homogêneo, imprimindo-lhe sentido, dando a qualidade de centro do mundo, remetendo-o ao Sagrado - aquele que está fora, construído pela experiência da busca de sentido, que qualifica o existir humano no mundo, que devolve a qualidade de ser ao ente humano (Eliade, 1989, p. 17).

De posse do novo possível endereço do pai - o Jesus, aquele que residia em Bom Jesus do Norte, lá vão Josué e Dora. Chegam a uma “cidade conjunto habitacional” - todas as casas são iguais. Parece uma brincadeira do cineasta: o que dá sentido não passa de algo igual às coisas que estão dispostas na natureza? Isto é o homogêneo? Na experiência religiosa, o Sagrado como lugar (Eliade, 1996, p. 99), objeto da manifestação do Divino, está ali, existe, o mundo não é caos, mas faz sentido. Josué procura o diferente no igual. Parece um paradoxo, não só parece, mas é. O que ocorre? Como dissemos, há uma mudança na estrutura ontológica das coisas, ela perde a sua finalidade imediata, cotidiana, não mudando de forma física, mas deixa de ser igual, algo comum, disposto ao mundo de meras necessidades e adquire o caráter de sagrado, de elemento fundante, é a casa do pai, a diferente, mas que continua sendo igual a todas para o homem que vive no mundo profano, no mundo homogêneo.

Depois de muito caminharem chegam à casa pretendida, Josué tem o semblante iluminado, lá estará o seu pai!? A volta a sua origem! O centro do mundo! Decepção... — um outro homem abre a porta e produz a representação do pai que Josué abomina, que massacra a sua esperança, que é fruto de um imaginário que o remete a uma realidade que deveria ser, e não a que é. Rompendo com o real que o trucidava. O que fazer? Josué quer esperar o pai, sim, permanecer até que ele volte. Mas Dora lhe faz um convite inesperado: que ele venha morar com ela. Entre incertezas, parece que o acordo é fechado.

Dora tenta sair da “cidade conjunto habitacional”, mas descobre que não há nenhum meio de transporte naquele dia. Neste ínterim surge um novo fato: a procura de Dora e Josué por Jesus chega ao conhecimento de Moisés, um outro filho de Jesus. Moisés interroga Dora pela busca de seu pai, que é prontamente confirmada. Josué se apresenta como “Geraldo”, agarra-se a Dora, dando a impressão de que está com medo diante deste fato inusitado. Moisés, insistente, convida Dora, a amiga do pai, para irem à casa do pai, à sua casa.

O nome do irmão de Josué é Moisés, será uma coincidência provocada contra o poder pelo do cineasta? – “salvo das águas”. Aquele que luta contra o poder do Faraó do Egito e liberta o povo de Israel da escravidão, abrindo caminho para a terra prometida – a terra da qual corre leite e mel, a terra dada pelo Pai a Israel. Este dado nos remete à representação do mundo, fruto da imaginação dando-nos a ideia de céu como o ideal a ser atingido, o deve ser, que tem a função imediata de negar a realidade que nos sufoca na insuficiência.

Qual seria a ideia de céu para Josué? Suponho que seria o encontro com o pai em sua casa. E esta é a proposta de Moisés — levá-lo à casa do pai, a “terra prometida”, ao céu, que nega toda a realidade em que está cercado. A superação, aqui e já, de toda a contingência vivida na insuficiência. A construção do paraíso na terra, olhar o pai olhos nos olhos, saber exatamente o que se é, o encontro com o absoluto, na experiência religiosa (Eliade, 1996, p. 106), a única que revela o homem na sua totalidade. Pois lhe dá sentido, remete ao que é de fato.

Terceira casa do pai, quantas casas tem esse pai? Por onde ele anda? Parece que ele não para! Será que ele também procura? Nós sabemos que é procurado; a proximidade

é palpável. Ao chegarem são apresentados a Isaías, outro irmão de Josué. Olhem o nome do personagem: Isaías — o Profeta. Aquele que conhece o passado do seu povo, está enraizado na realidade presente e, portanto, tem a capacidade de projetar o futuro. Isaías recebe Dora e Josué com indiferença:

- Esta é dona Dora, amiga do pai.
- É!...

Isaías de fato conhece o pai. Mas o conhece através de seus limites. Como o profeta diante do rei Davi, o pai de Israel, mostrando a este o seu pecado: desposa uma mulher casada, manda seu marido para a frente de batalha, Urias, para que morra, e toma a mulher para si. Isaías é duro, desce às raízes do problema e exige resposta. — Nosso pai foi embora, nos abandonou! Mas com a presença mágica de Moisés, Isaías permite que Josué e Dora adentre ao seu mundo e mostra a oficina de carpintaria, liga o torno e coloca Josué diante dele, e produz um pião. Brinquedo do qual Josué não quis se separar; na cena inicial do filme, quando ao lado de sua mãe, o pião cai ao chão, fazendo com que Josué corra para apanhá-lo, deixando sua mãe estática no meio da rua, sendo atropelada por um ônibus, causando a sua morte, Josué, de pião em mãos sorri, como o Criador diante da criatura, no ponto máximo da sua criação.

As relações de apresentação iniciais são superadas, pois são mediadas por jogos, pelo lúdico (trava-língua e futebol de rua) além da visita à oficina de carpintaria — profissão herdada do pai e ampliada pelos filhos. Moisés provoca um momento de grande intimidade familiar: pede a Dora que leia uma carta escrita por um outro “escrevedor de cartas” em nome de seu pai Jesus, que estava em seu poder há seis meses. O papel de Dora acentua-se: de “escrevedora” passa a leitora. Está agora do outro lado, daquele que recebe a mensagem, que recebe a carta. Assim, ela continua como canal de ligação, da religião: coloca aqueles que se perderam, um diante do outro, o pai do filho, o humano da sua origem, religar - este é o seu fundamento.

A carta é reveladora, traz no seu bojo a essência motivadora da condição de Jesus, o porquê começou a beber e abandonou os seus filhos: está à procura da mulher amada, de Ana — “a cabrita tihosa” que o abandonou grávida de Josué. O pai procura a amada, o filho procura o pai, todos buscam o centro do mundo, aquilo que lhe traz sentido,

que lhe faz ser. Dora ao ler a carta e revelar a vontade do pai, abandona o seu papel de simples leitora e se torna agente da carta, resiste à pura letra, na medida em que inclui na vontade do pai o objetivo de conhecer Josué, o filho que ele não sabe existir. O pai, Jesus, deixa como mensagem final Eu vou voltar, eu já estou voltando (promessa que os cristãos guardam, na esperança de ser cumprida).

Diante de tais fatos Dora percebe que este é o lugar de Josué: com os irmãos à espera do pai, que em breve voltará. Na manhã seguinte levanta cedo e confirma, mais uma vez, a sua hipótese os três irmãos dormem juntos na mesma cama. Dora prepara-se para ir embora, muda radicalmente as suas vestimentas: coloca um vestido, presente de Josué, e usa batom. Sai da casa sem que ninguém a ouça e parte em direção ao ponto de ônibus. Neste momento Josué acorda e procura por Dora, não a encontra, e parte em disparada em direção ao ônibus. Tarde demais, o ônibus já havia partido. Entre lágrimas Dora faz algo que há muito não fazia: escreve uma carta, desta vez é ela que fala, não ouve mais uma voz estranha que vem de fora, mas sim de dentro. Agora fala a Dora, não aquela que procura o pai de Josué, mas aquela que tem saudade do seu pai - que depois de ter saído de casa, em plena adolescência, alguns anos passados, não foi reconhecida pelo próprio pai: “— Tenho saudade do meu pai”, e pede a Josué que não se esqueça dela: aquela que o levou à casa do pai. Pede ela a Josué na carta: — Olhe o retrato que nós tiramos juntos quando você sentir saudade, e é o que Josué faz, exatamente neste momento, entre lágrimas, ele não vai esquecer.

Conclusão

A busca que Josué realiza provoca em Dora a sua própria busca “- Tenho saudade do meu pai”. Revela o estado de contingência que nós seres humanos nos encontramos, o terror a insuficiência, tendo a imanência como única possibilidade de ultrapassarmos a realidade sem sentido a partir da experiência religiosa. A experiência fundante do ser humano, pois é a que mais o revela.

Central do Brasil, o filme, recebe o conceito de um filme universal, pois fala da problemática humana e a coloca, a meu ver, de maneira evidente: a busca pela origem, a busca pelo Pai.

Referências Bibliográficas

BOWKER, John. *Para entender as religiões*. São Paulo, Ática, 1997.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

ELIADE, Mircea. *Origens*. Lisboa: Edições 70, 1989.

FURTER, Pierre. *A dialética da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.